

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCOLA DOS ANNALES: O DEBATE ENTRE PETER BURKE E FRANÇOIS DOSSE

Enilson Pereira Oliveira*

1. O Annales em questão

As correntes de pensamento que influenciaram os historiadores têm-se formulado e reformulado no tempo. Dentre esses movimentos A Escola dos Annales se apresentou hegemônica no ocidente, processo hegemônico esse iniciado a partir da reunião de um grupo de historiadores em torno da publicação da Revista *Annales d'histoire économique et sociale* em 1929 e de um projeto que visava o combate a história que prevalecia naquele momento.

A supremacia da escola francesa sobre a produção historiográfica ocidental se apresentou profunda e duradoura. Contudo, tem-se demonstrado polêmico o debate intelectual quanto aos limites, circunscrições, continuidades e rupturas provocadas pelo grupo conhecido e identificado como a Escola dos Annales.

A própria discussão sobre o que foi o grupo dos Annales já indica a complexidade de exame do tema. Entre os intelectuais as discordâncias se sobrepõem continuamente quanto a contribuição do grupo francês. Assim, a historiografia dos Annales é identificada como sendo “Movimento dos Annales” ou “Escola dos Annales” e também como paradigma ou grupo de paradigmas. Outros utilizam o termo *Nouvelle Histoire* referindo-se a todo o movimento dos Annales e há ainda aqueles que identificam como *Nouvelle Historie* um período a partir do qual, o grupo dos Annales muda de direção, de abordagem e altera, em relação as primeiras gerações dos Annales, o enfoque da metodologia na feitura da história, seus objetos e fontes. Para este último grupo de historiadores há momentos díspares dentro do movimento quanto aos caminhos do fazer história. Esses acreditam que a continuidade do projeto inicial sofre uma ruptura. Para

* Mestrando em História Social das Relações Políticas na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) sob a orientação do Prof. Dr. Julio Cezar Bentivoglio.

François Dosse a ruptura é total e ocorre a partir de 1968 após a “era Braudel”. Para Peter Burke, as rupturas também ocorrem a partir de mesmo ano, mas são parciais não abalando o cerne do programa dos Annales.

Outro frente para entendimento dos Annales implica na investigação das contribuições de outras correntes historiográficas dentro do grupo franco. Historicismo, Marxismo e estruturalismo, por exemplo, compõem essa miríade conceitual e epistemológica que envolve esse grupo de historiadores. Obviamente, não é intenção do presente trabalho enveredar em tão poucas páginas, numa amplidão de diagnósticos no entendimento do movimento dos Annales. Contudo, propõe adentrar e compreender as posições de dois autores quanto ao grupo da École, a saber: Peter Burke e François Dosse.

Os autores possuem posturas diferentes quanto a contribuição dos Annales. Dosse enxerga no Movimento um momento forte de ruptura, enquanto Peter Burke se volta para os elementos de continuidade. Para o primeiro após morte de Fernand Braudel há um desvio do programa inicial de Marc Bloch, Lucien Febvre e do próprio Fernand Braudel. Para o segundo o que há é um fio condutor que, ao ser desvelado pela chamada primeira geração, se desenrola até o presente. Para avaliação dessas posições contrárias, suscitaremos as obras relevantes dos referidos autores que tratam do tema. No caso de Peter Burke *A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)* e de François Dosse *A História em Migalhas: dos Annales à Nova História*.

Já nos títulos marcam-se as profundas diferenças entre os historiadores supracitados quanto à visão sobre o movimento em questão. Posições marcadamente diferentes sobre os Annales como revolução ou como movimento que resultou na pulverização da história.

2. O movimento dos Annales

A historiografia dos Annales se consolida como corrente dominante a partir de uma crítica a história realizada em seu tempo. José de Souza Barros lembra o que era necessário para o Movimento dos Annales se firmar:

Para se firmar como corrente historiográfica dominante na França, e estender posteriormente sua influência a outros países da Europa e também da América, os fundadores e consolidadores dos Annales precisaram estabelecer uma arguta e impiedosa crítica da historiografia de seu tempo – particularmente daquela historiografia que epitetaram de História Historizante ou de História Eventual – buscando combater mais especialmente a Escola Metódica Francesa e certos setores mais conservadores do Historicismo. Os Annales, em busca de sua conquista territorial da História, precisavam enfrentar as tendências historiográficas então dominantes, mas também se afirmar contra uma força nova que começava a trazer métodos e aportes teóricos inovadores para o campo do conhecimento humano: as nascentes Ciências Sociais. É contra o pano de fundo deste duplo desafio que o movimento inicia a sua aventura historiográfica (BARROS, 2010:5).

Assim, desse duplo fronte nasce os Annales. Contudo, após a vitória dessa batalha inicialmente empreendida, o movimento se desenvolveu em fases cuja periodização pode variar segundo a visão dos autores. Em nosso presente trabalho optamos por manter a periodização de Peter Burke qual seja:

Esse movimento pode ser dividido em três fases. Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. Depois da Segunda Guerra Mundial, os rebeldes apoderaram-se do establishment histórico. Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma “escola”, com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a “história serial” das mudanças na longa duração), foi dominada pela presença de Fernand Braudel. Na história do movimento, uma terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação. A influência do movimento, especialmente na França, já era tão grande que perdera muito das especificidades anteriores (BURKE, 1992:13-14).

Aqui Burke indica que também vê uma fragmentação e perda das “especificidades anteriores” sem, contudo cair em desencantamento profundo, como veremos.

3. Peter Burke e o movimento dos Annales

Peter Burke comenta sobre sua ligação com o grupo de historiadores dos Annales e se descreve:

Já me descrevi, algumas vezes, como um “companheiro de viagem” dos Annales. Em outras palavras, um historiador de fora que, como muitos outros estrangeiros, buscou sua inspiração no movimento. Tenho acompanhado seu destino de maneira muito próxima nestes últimos trinta anos (BURKE, 1992:15).

Apesar da inspiração citada o autor ressalta que “ao mesmo tempo, Cambridge é suficientemente afastada de Paris para tornar possível escrever uma história crítica das contribuições dos *Annales* (BURKE, 1992:15)”. Assim, já que as credenciais lhe permitem o embarque, a obra que nos interessa aqui é a já citada *A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)* publicada em 1989.

3.1. Peter Burke e a sua visão dos Annales

Ao iniciar o capítulo intitulado A Terceira Geração, Burke se refere a ideia de fragmentação levantado por Dosse em “A história em Migalhas”:

Mais significativas, contudo, do que as tarefas administrativas foram as mudanças intelectuais ocorridas nos últimos vinte anos. O problema está em que é mais difícil traçar o perfil da terceira geração do que das duas anteriores. Ninguém neste período dominou o grupo como o fizeram Febvre e Braudel. Alguns comentadores chegaram mesmo a falar numa fragmentação (DOSSE, 1987 apud BURKE, 1992:80).

Contudo após essa citação Burke acrescenta:

Deve-se admitir, pelo menos, que o policentrismo prevaleceu. Vários membros do grupo levaram mais adiante o projeto de Febvre, estendendo as fronteiras da história de forma a permitir a incorporação da infância, do sonho, do corpo e, mesmo, do odor. Outros solaparam o projeto pelo retorno à história política e à dos eventos. Alguns continuaram a praticar a história quantitativa, outros reagiram contra ela (BURKE, 1992:82).

O texto demonstra que para nosso autor “vários membros do grupo levaram mais adiante o projeto de Febvre”. Esta afirmativa demonstra que para Burke há um fio de continuidade no cerne da questão o que justificaria o entendimento de que a Escola dos Annales seria um movimento contínuo desde a primeira até a terceira geração e que

apesar da fragmentação, o caráter de inovação e ineditismo se mantêm. Destarte, ainda que haja um policentrismo que prevaleceu na chamada terceira geração, alguns historiadores mantêm o projeto iniciado por Febvre. Burke ressalta a falta de homogeneidade do grupo e a falta de uma liderança uma. Ressalta também os caminhos que outros historiadores tomaram. Uns voltando-se a história política e dos eventos, outros reagindo contra a história quantitativa. Contudo há um grupo que leva o projeto à frente. Há assim, multiplicidade de caminhos, mas estes estão ainda contidos e circunscritos no projeto dos *Annales*.

Como vimos, na geração de Braudel, a história das mentalidades e outras formas de história cultural não foram inteiramente negligenciadas, contudo, situavam-se marginalmente ao projeto dos Annales. No correr dos anos 60 e 70, porém, uma importante mudança de interesse ocorreu. O itinerário intelectual de alguns historiadores dos Annales transferiu-se da base econômica para a “superestrutura” cultural, “do porão ao sótão” (BURKE, 1992:82).

Assim, tenta indicar que o “o itinerário intelectual de alguns historiadores dos *Annales* transferiu-se da base econômica para a “superestrutura” cultural, “do porão ao sótão” e entende isso não como ruptura, mas como movimento interno da historiografia dos *Annales*. Com essa visão Burke percebe o porquê da mudança e descreve:

Por que isso teria acontecido? A mudança de interesse, estou convencido, foi em parte uma reação contra Braudel. Como foi também, de outra parte, uma reação mais ampla contra qualquer espécie de determinismo (BURKE, 1992:82).

Atribui um papel de destaque nessa virada de itinerário a Phelippe Ariè com obras como *L'enface et la vie familiale sous l'ancien régime* e *L'homme devant la mort*. Ariè rejeita em seus trabalhos os aspectos quantitativos, pois tinha interesse na relação entre a natureza e a cultura, optando por uma análise mais antropológica.

Ora, mas não seria isso então uma ruptura? Estudo sobre a infância, a família ou sobre a morte sob um aspecto cultural e não forjada sobre aspectos quantitativos e sociais? Não seria isso uma nova forma e um novo caminho do fazer histórico? Mas Burke permanece apontando a continuidade:

O livro de Philippe Ariès foi particularmente um desafio aos demógrafos históricos; um desafio ao qual alguns deles responderam dando maior atenção ao papel dos valores e das “mentalidades” no “comportamento demográfico”; em outras palavras, pelo estudo da família, da sexualidade e, como desejava Febvre, da história do amor (BURKE, 1992:84).

Na impossibilidade de nexos entre Ariès e Braudel, Burke apresenta uma ligação com Febvre. Mantendo assim, o fio transpassado através das gerações dos Annales. Desta maneira, o movimento redescobriu a história das mentalidades, da psicologia histórica *a la Febvre*. Burke então tende a perceber e manter contido no seio dos Annales esses novos historiadores. As dissonâncias existentes dentro do grupo não é o suficiente para entendê-las como ruptura radical do ideal de construção histórica iniciado pelos Annales.

Ainda dentro deste panorama de mudanças, Burke ressalta que os fenômenos culturais sempre estiveram presentes ainda que não na pauta principal. Evoca para isso o historiador Alphonse Dupront, um historiador do período braudeliano “pouco conhecido” como ele mesmo aponta, que já se interessara por uma história destes aspectos como o tema das cruzadas como conclusão de um processo de sacralização (BURKE, 1992:84).

Com relação ao retorno das mentalidades aos braços dos historiadores dos Annales o autor enuncia os nomes de Besançon, Le Roy Ladurie e Delumeau (BURKE, 1992:86). Já quanto a uma história social permeada pelo imaginário, Burke lembra Jaques Le Goff e Geroges Dubby. As contribuições desses autores estariam também imersas no movimento, movimento esse percorrido sempre através da noção de continuidade. Lembra o autor sobre Le Goff:

Posteriormente, foi além de Bloch e do estilo original dos Annales. Inspirado em parte na teoria social neomarxista, preocupou-se com a história das ideologias, da reprodução cultural e do imaginário social, que procura combinar com a história das mentalidades (BURKE, 1992:86-88).

Já de Dubby percebe que “a concepção de ideologia de Dubby não está longe da de Louis Althusser, que a definiu, um dia, como “a relação imaginária dos indivíduos com as condições reais de sua existência” (BURKE, 1992:89-90). Dubby e Le Goff são assim citados como sendo seguidores da história econômica e social da primeira geração dos Annales.

Com relação a história política e seu retorno, Burke comenta:

Resumindo. Febvre e Braudel podem não ter ignorado a história política, mas não a tomaram muito a sério. O retorno à política na terceira geração é uma reação contra Braudel e também contra outras formas de determinismo (especialmente o “economismo” marxista). Está associado à redescoberta

da importância do agir em oposição à estrutura. Está associado também ao que os americanos denominam “cultura política”, de idéias e de mentalidades. Graças a Foucault, esse retorno se estendeu em direção à “micropolítica”, a luta pelo poder no interior da família, da escola, das fábricas, etc. Em consequência dessas mudanças, a história política está em vias de uma renovação (BURKE, 1992:102).

O autor então comenta como deve ser encarado a Escola dos Annales no âmbito global diante de tantas mudanças:

Se observarmos os Annales de uma perspectiva global, contudo, é melhor avaliá-lo como um paradigma (ou, talvez, um grupo de paradigmas), mais do que o paradigma da ciência histórica. Talvez seja útil examinar os usos e as limitações desse paradigma em diversas áreas da história, geográfica, cronológica e tematicamente definidas. A contribuição dos Annales pode ter sido profunda, mas foi também profundamente desigual (BURKE, 1992:120).

Assim, o autor indica que a avaliação da Escola dos Annales seria melhor como uma análise de “um paradigma (ou, talvez, um grupo de paradigmas)”. Parece haver aqui um vestígio de imprecisão quanto a unidade ou fragmentação metodológica dos Annales e como tratar isso. A pergunta que persiste é: a dúvida já não é um sinal de que a coesão se esvai? Tentar encontrar coesão, através uma análises de historiadores, alguns até pouco conhecidos, relacionando-os a um grupo tão vasto e diverso já não é sinal de descontinuidade? Diante dessas inconsistências, as rupturas e continuidades se misturam, dificultando a possibilidade de definições mais precisas.

4. François Dosse e a Nova História

François Dosse é partidário da visão de que há uma ruptura entre as duas primeiras gerações dos Annales e a chamada Nova História, da terceira geração. O autor parte de uma análise conjuntural do período de insurgência da Nova História e busca aí argumentos para entender um rompimento e uma fragmentação do movimento dos Annales. Sobre isso comenta:

A crise da ideia de progresso (anos 70) acentuou o renascimento das culturas anteriores à industrialização. A Nova História se esconde, então, na busca das tradições, ao valorizar o tempo que se repete, as voltas e reviravoltas dos indivíduos. Na falta de projeto coletivo essa pesquisa faz-se mais pessoal e mais local (DOSSE, 1992:252).

E ainda que “Abandonam-se os tempos fortes e os movimentos voluntaristas de mudança em direção à memória do cotidiano das pessoas simples (DOSSE, 1992:252)”. Para o autor esse clima de não possibilidade de progresso implica em uma volta à antropologia que procura pelo que permanece, com o que é estático. Nesse ambiente comenta que:

A terceira geração dos Annales, sensível como as outras as interrogações do presente, muda o rumo de seu discurso ao desenvolver a antropologia histórica” e, neste sentido “o preço a pagar por essa nova readaptação é o abandono dos grandes espaços econômicos braudelianos, o refluxo do social para o simbólico e para o cultural (DOSSE, 1992:249).

Visto por esse prisma, o tempo fica imóvel. Segundo Dosse, a atmosfera pos-gaulismo em que emerge a sociedade francesa coopera para essa revisão angustiada da história.

Para ele:

o discurso dos historiadores responde à transformação concreta da sociedade e confere consistência temporal a essas medidas pontuais ao se interrogar sobre o funcionalismo da família, sobre o lugar e a imagem da criança, sobre o papel da disciplina, sobre as práticas contraceptivas do tempo antigo (DOSSE, 1992:249).

Assim, o povo ressurgiria nesse discurso antropológico como material estético em seus fatos e gestos cotidianos. O autor então argumenta que:

a crise modifica a perspectiva. Enquanto os anos 50 o olhar se dirigia aos fundamentos do crescimento, aos avanços técnicos, às ultrapassagens dos limites espaciais, já nos anos 70 o olhar social se desloca para os bloqueios, as inércias e as permanências dos sistemas sociais (DOSSE, 1992:252).

Assim, há uma troca da história econômica e social, segundo o autor, por uma história cultural que cresce de maneira espetacular. O problema dessa abordagem é que:

Essa história das mentalidades tem como fundamento o nível inconsciente das práticas sociais, o pensamento coletivo automático de uma época ou de um grupo social. Essa história, em segundo momento, desvia para antropologia. De substantiva passa a objetiva. A questão do pesquisador é, então o modo de funcionamento, mais do que o porquê da mudança. Realçam-se as continuidades. A escola dos medievalistas franceses adota esse novo olhar, sob a dupla influência das escolas Alemãs e Anglo-saxônicas. Daí resulta a minoração das rupturas e o deslocamento do aspecto social para o cultural. Algumas abandonam assim o conceito fluido de mentalidade, para adotar os esquemas e modelos da antropologia (DOSSE, 1992:257).

Essa mudança implica para Dosse em um percurso muitas vezes descritivo que abandona a dimensão inicial dos Annales: a história problema. O autor não refuta a importância da “cultura material”, mas esta como lugar de “cruzamento” da história

econômica, social e cultural. Não sendo assim, o olhar com base somente na cultura material implica em ocultação do real, real esse que é maior e mais amplo.

Para o autor o grupo da Nova História não amplia a visão do social para o cultural, mas faz uma substituição daquele por este. Esse desequilíbrio entre o social e o cultural, segundo Dosse, é nocivo, pois impossibilita enxergar a totalidade envolvida complexamente na realidade. Alega o autor que a Nova História partindo do seu tempo e suas inquietações encontram na cultura popular uma embarcação possível. Contudo, nessa viagem, o deslocamento do foco da totalidade para o cultural, implica em ceder o espaço aos grupos dominantes, enfraquecendo a percepção social. Conclui então que:

o domínio popular é, pois, fonte de riscos, de conflitos. Assim, cabe ao historiador levantar as linhas de força e de fuga. Mas só pode fazê-lo, ao considerar os dois lados da análise: o social e o cultural, pois a difusão da cultura passa pelo social e, portanto, por uma série de mediações e mediadores, cujo conhecimento é indispensável para a caracterização da mesma (DOSSE, 1992:265).

Para o autor enfim, a terceira geração dos Annales após conquistarem a hegemonia e o poder de determinar que história deve ser feita e qual caminho deve percorrer o historiador, conseguiu adaptar seu discurso ao poder, submetendo-se então as classes dominantes.

Tal movimento implica em perdas. Perda da profundidade de análise, avaliando superficialmente e descritivamente eventos cotidianos que são parte da demanda francesa nos meios midiáticos e perda de uma visão da totalidade com o fito de uma contribuição a mudança social, pois “o engajamento se torna algo arcaico” (DOSSE, 1992:262).

Essas mudanças para Dosse são estratégias políticas para uma continuidade na dominação do grupo dos Annales quanto a história a ser escrita. Por isso identifica o não controle dos Annales por nenhum historiador na terceira geração como sinal de adaptação visando o não abandono da posição dominante. Muitos então são os caminhos abarcados sob a égide de historiografia dos Annales. Não há um líder como Marc Block e Lucien Febvre ou Fernand Braudel, identificados como primeira e segunda geração dos Annales respectivamente.

Toda a construção das duas primeiras gerações sucumbem diante desta nova realidade e postura dos Annales. Ao abordar a totalidade diante da história serial o autor comenta que “os Annales tomam o discurso de totalidade, mas a totalidade do objeto e não do real. Não se busca mais conectar os múltiplos objetos da história em um conjunto racional (DOSSE, 1992:271). Então conclui que:

a história serial reduz, de fato, o pensamento do historiador a dois níveis. Apagar as estruturas sob a série factual e, por outro lado, não resolve o problema da passagem de uma série a outra. Contenta-se com causalidades específicas de tal ou tal série. Pelo contrário, a via que se olha a certo número de historiadores é procurar, para além da multiplicação de temporalidades e objetos, o entrelaçamento dos últimos em uma articulação que seja mais conveniente àquilo que é específico de tal ou tal movimento histórico (DOSSE, 1992:289).

Nesta linha de raciocínio de uma forte mudança de rumo, Dosse evoca a ideia que há uma substituição do social pela também pela representação:

Muitas vezes, o novo historiador contenta-se em transmitir a evolução das representações e a maneira pela qual as pessoas percebem sua época, sem estabelecer qualquer relação entre representações e aquilo que se suscitou no real (DOSSE, 1992:300).

O autor por fim, lembra que a primeira geração dos Annales sofre de seus desapontamentos e desalento político. Segundo o autor a formação da corrente dos Annales é composta de “ex-stalinistas e conservadores nostálgicos” (DOSSE, 1992:302).

Tal configuração eclética e variada, tão permeável pelo tempo vivido, visões de mundo e ideologias por vezes desiludidas, por vezes ambiciosas e outras tantas errôneas não permitiria, nas palavras de François Dosse “generalizações abusivas” (DOSSE, 1992:303).

O autor assim enxerga um rompimento no projeto inicial dos Annales e vê que o que resta de um movimento que iniciou-se como revolucionário, são migalhas. Os restos de uma história. Uma história que trocou o objetivo pelo subjetivo, o social amplo pelo cultural local, a realidade pela representação, o movimento pelo estático, o material pelo imaginário, o todo (totalidade) pelo tudo (micro história) como nos lembra José Carlos Reis (REIS, 2004, p. 204).

5. Conclusão

Ao nos depararmos com os textos aqui evocados nos parece que ambos os autores não contestam a contribuição, influência e importância do movimento dos Annales. Contudo, as controvérsias aparecem quanto ao movimento intitulado de terceira geração por Peter Burke e a Nova História de François Dosse.

Alguns apontamentos se mostram importantes em relação ao tema. Primeiramente, a questão da ruptura. A tentativa de enxergar as linhas de continuidade por parte de Peter Burke parece uma constante na obra citada. Apesar de, em algumas passagens ele admitir “fragmentação” e “dissolvimento” o compêndio total da obra não deixa dúvidas de que há, senão uma certeza de unicidade dos projetos, um cerne que permanece e que é o mais importante a ser notado. Procura assim, perceber o que há de contínuo.

Junta-se a isso o fato de não haver, na obra de Burke, uma análise das condições conjecturais cuja a qual os Annales se posiciona como Escola ou movimento. A análise é sempre interna ao grupo, quase eximindo o tempo e espaço na formação dos historiadores que fizeram parte do desenvolvimento do Movimento dos Annales.

Com um volume de argumentos pertinentes e coerentes, contudo, a obra não nos deixa esquecer a importante e fundamental contribuição que teve e tem o grupo de intelectuais franceses na produção e evolução da historiografia “global” como cita. Contudo, a sua visão se mostra apologética e seu distanciamento de Paris não parece ter sido suficiente para que a crítica se firmasse sem reservas. O “companheiro de viagem” foi demais companheiro.

Contudo, Peter Burke em *O que é história cultural?* aborda uma possível tensão entre a História Social e a História Cultural (BURKE, 2005). No que o autor chama de “vingança da história social” comenta como explicar empreendidos por historiadores da História Social a Nova História cultural:

poderia ser explicada em termos das oscilações pendulares que acontecem tantas vezes na história, ou pela necessidade de uma nova geração de acadêmicos se definir contra um grupo mais antigo e tomar seu lugar ao sol. (BURKE, 2005:146-147).

Assim, o autor não exime do debate as relações de poder na academia. Lembra ainda que tais críticas se fazem presentes pela pertinência de muitas das críticas levantadas. Aponta como problemas a dificuldade de definição de cultura, a dificuldade de definição dos métodos a serem seguidos e o perigo da fragmentação. Mas conclui que diante dessa dificuldade de delimitação de campos e espaços de poder, “alguns colocam mais ênfase na parte social e outros na parte cultural” (BURKE, 2005:147) e que nisso se baseia todo o debate.

Já a obra implacável de François Dosse parte das conjecturas externas e condições sócio-históricas para explicar o movimento dos Annales. Mordaz em sua crítica acusa a terceira geração não só de romper com as duas gerações anteriores dos Annales, como de esmigalhar a história. O abandono da ideia de totalidade em prol de uma história antropológica do fato micro e da reutilização deturpada tanto da história serial quanto das representações estão no *hall* de suas acusações. Demonstra também a luta do grupo para manter um lugar de dominação e, para isso, teria submetido a história ao gosto das massas na França, deixando depauperada a história econômica e social.

Em Dosse, contudo, o pessimismo também parece excessivo. Primeiramente com a ideia de totalidade. Destarte, não sendo história com o fito na totalidade, uma totalidade sob prisma de uma história social, há grande perda para o desenvolvimento e revolução iniciados pelos Annales e segundo o autor, renunciados pela Nova História.

Nesse caminho ainda poderíamos levantar a questão da micro história, termo também controverso, visto que o que há é história, independente do foco utilizado para análise. Assim, essa história a partir desse foco não seria parte de uma totalidade? Não está inserida no social? Caso a ideia de totalidade esteja realmente permeada do sentido de utilidade social, esta não se realiza de acordo com a sociedade e sua utilização da história produzida, independentemente de que história seja ou que tipo de enfoque a construa?

Essas mesmas questões podem ser estendidas para a história antropológica, serial ou das representações. De certo que sua crítica encontra eco por se encontrar no mercado editorial um cem número de trabalhos de historiadores onde o rigor metodológico e a coesão estão ausentes somente para atender a curiosidade e demanda do mercado. A discussão do tema com tamanha frequência já mostra a pertinência de sua crítica, caso contrário, a obra aqui analisada não estaria em pauta. Entretanto, parece-nos demasiadamente abrupto descartar a história com o foco no fato micro como parte da totalidade.

Mas a preocupação de Dosse é sobre uma história dominante produzida descolada da realidade. Essa fragmentação é causada pela Nova História e seu abandono do projeto inicial do *Annales*. A História Social cobra assim, uma história vinculada e relacionada com o todo social.

As avaliações dos porquês dessas rupturas dos *Annales* e a ligação dos historiadores com o seu tempo parecem pertinentes na obra de Dosse. Elas nos lembram que o historiador fala de um lugar conforme demonstrou Michel de Certeau (CERTEAU, 2010: 66-76). Mas reconhecer isso e identificar essas questões não implica e invalidar novos usos das metodologias que dela advenham. Ainda que o grupo dos *Annales* tenha feito um combate por espaço, poder e dominação de cunho político e intelectual, os avanços e as possibilidades do fazer história por ela difundida continuam vigentes. Nesse campo a discussão parece recair não somente sobre o desvio de rumo intelectual dos historiadores ou validade do método, como também a epistemologia envolvida, pois atinge a fronteira do para que serve a história.

Obviamente, essas poucas reflexões longe estão de elucidar a complexa relação entre o historiador e seu tempo, o historiador e seu método e seu objeto. Assim, na análise dos autores cautela deve ser buscada quanto as afirmações contidas em ambos os historiadores. A paixão e admiração pode cegar tanto quanto o ceticismo e o pessimismo. Dosemos os dois, pois uma grande história é questão menos do foco escolhido e mais do rigor metodológico empregado para realizá-la. E quando se tem

fome de história bem feita, o que não nos espanta, é que, até o que chamam de migalhas pode, sem nenhuma dúvida, alimentar.

José D'Assunção Barros também demonstra como essas fronteiras entre história cultural e social são permeáveis e de difícil delimitação. O debate parece estar entre essas duas “dimensões” – para usar a terminologia de Barros - da história (BARROS, 2004:106-110).. E suas circunscrições e limites ainda estão sendo construídas. Tanto Burke quanto Dosse parecem compreender tanto a necessidade de melhores delimitações, metodologias e teorias que possibilitem o avanço da história. Dosse sugere isso:

Essas controvérsias nos lembram que a história permanece um campo de batalhas, o lugar de confrontos primordiais onde se joga não tanto o passado enquanto tal mas as grandes escolhas do presente. Diante dessas polêmicas, a reação não deve ser de calafrios, tentando evitá-las pelo escapismo. A paixão que elas desencadeiam é legítima. Entretanto, os historiadores devem aferrar-se a um certo número de regras constitutivas de seu ofício.

Bibliografia

- BARROS, José D'Assunção. **A Escola dos Annales**: considerações sobre a História do Movimento. In: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/953/588>> acessado em: 10 de jan 2011.
- BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia**: a Escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro. Zahar, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010.
- DOSSE, François. **A História**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- DOSSE, François. **A História em Migalhas**: dos Annales à Nova História. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- REIS, José Carlos. **Escola dos Annales – a inovação em História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.